A MULHER NEGRA BRASILEIRA: RACISMO E SEXISMO

Luciana Paula da Silva de Oliveira[1]

Por conta do dia da mulher deste ano foi realizada uma palestra, sobre a condição da mulher negra no Brasil, para os alunos dos 1º anos do ensino médio do Colégio Estadual do Paraná. O texto que se segue é baseado nas reflexões desta palestra.

Ainda que se possa haver muito a ser conquistado pelas mulheres, seu avanço em setores do mercado de trabalho, posições de chefia, que eram antes exclusividade masculina, mostra que os movimentos feministas estão dando resultado. Entretanto, esses ganhos se resumem basicamente às mulheres brancas. Às negras quase tudo continua sendo negado.

Os dados de pesquisas são muito claros, É nesse contexto que se percebe que mais de 70% dessas mulheres continuam presas às ocupações manuais, maioria quase absoluta de empregadas domésticas. Seus salários são mais baixos do que as brancas, do que homens negros e brancos. Ficam por mais tempo desempregadas e quando do ato de recrutamento para uma nova vaga de emprego, muitas são preteridas pelo eufemismo do "boa aparência" ou ainda retiradas das casas pobres das áreas rurais, trabalhando em regimes análogos à escravidão nos centros urbanos.

"As mulheres negras sofrem dupla desvantagem social, por serem mulheres e por serem negras."

O racismo e o sexismo agindo de maneira conjunta provocam sofrimentos psíquicos, quedas radicais na imagem que fazem de si mesmas, sentem-se julgadas por não possuir as características que são tomadas como naturais pela sociedade. Ainda que mais da metade da população brasileira seja negra (pretos+pardos),

[1] Bacharel e licenciada em Ciências Sociais (UFPR), Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional (UTFPR), Professora PDE/SEED/UFPR

todos os padrões de estética, comportamento, cultura, ancestralidade, arte, história e modo de ver o mundo são brancos.

Restando às mulheres negras somente à esperança de ser negra bem adjetivada: “Aquela negra bonita”, “Aquela negra inteligente”... Culturalmente racista, a sociedade brasileira fez acreditar que a beleza ou a inteligência entre negras e negros são características raras, exceção, nunca a regra.

Ainda no campo das pesquisas sociais, existe uma constatação sociológica que as mulheres negras são preteridas pelos homens negros, que preferem as brancas, algumas teses psicanalíticas revelam que inconscientemente o negro deseja clarear seus filhos para evitar o sofrimento racial pelo qual ele próprio passa.

“A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideias de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.” (SOUZA, p.2 1983)

Seguindo esta lógica de negar a si mesmo, o racismo faz com que a mulher negra tenha que muitas vezes pagar muito caro ao conviver com uma identidade destituída de prazer (SOUZA, 1983), por causa disso, muitas vezes há a rendição e com ela a solidão. Alguns estudos têm usado do conceito da solidão da mulher negra, que chega a ter alguns relacionamentos, e destes surgem os filhos, mas o companheiro logo a abandona, deixando a seu cargo o sustento de si e das crianças. Estas crianças por sua vez, em seu crescimento psicológico, não vê prazer em seu corpo, porque não é branco, e por isso, falho e imperfeito (SOUZA, 1983).

“Existe uma constatação sociológica que as mulheres negras são preteridas pelos homens negros, que preferem as brancas”.

Por causa dessas especificidades enfrentadas pelas mulheres negras, é que o movimento feminista negro possui algumas pautas diferentes em comparação com as companheiras brancas. É necessária uma série de ações, em diferentes frentes para diminuir o abismo que separa mulheres brancas e negras. A discussão sobre raça, por exemplo, pode provocar mais processos de auto identificação entre negras e mestiças, o que reforçaria ações coletivas.

Esta luta dentro da luta não possui, de maneira alguma, um caráter divisionista do movimento feminista de modo geral, é preciso escapar desse discurso, tendo em vista que serve apenas para homogeneizar as mulheres e assim, tornar invisível a comunidade negra e suas especificidades. O racismo não é algo acidental que a mulher negra tem que enfrentar vez por outra, é antes, elemento estrutural na sociedade brasileira.

Ainda que o racismo seja estruturante e gere desigualdades concretas, sua linguagem e sua natureza se plastificam de acordo com o momento político, um exemplo vívido é a defesa do “todos somos humanos”, que traz num tom cordial a ideia de que negras e negros não precisariam lutar por nada, a escravidão teria ficado num passado distante e agora a sociedade respeita a todos. Esse argumento é usado por indivíduos que se veem como antirracistas, entretanto, quer apenas colocar panos quentes e ignorar os privilégios que os brancos chamam de mérito.

A ambiguidade do racismo brasileiro é o principal obstáculo a ser enfrentado pela mulher negra, que precisa elaborar sua dor, porque essa dor provoca uma compulsão à sua repetição, isto significa que curar-se é um processo realmente difícil (SOUZA, 1983). E a escola pública não pode se abster desse papel histórico de provocar o debate, de falar sobre o racismo, de ter coragem para enfrentar as consequências estruturais desse processo.

Porque cada menina negra que passa a se amar, que passa a se olhar no espelho e lentamente deixe de tomar para si o referencial branco, torna-se efetivamente negra, e sua existência individual é um ato político que possui um efeito coletivo, multiplicador não somente da beleza dos traços e texturas, mas do convite imperativo de conhecer o que se passa no movimento negro.

Bibliografia

ANDRÉ, M. O ser negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiros. Quatro Estações, Brasília, 2008.

CARNEIRO, S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro, São Paulo, 2011.

KON, N. O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. Perspectiva, São Paulo, 2017.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro. Perspectiva, São Paulo, 2017.

SILVA, T. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Vozes, Petrópolis, 1996.

SOUZA, N. Tornar-se negro. Graal, Rio de Janeiro, 1983.